



ATENÇÃO, SAPUCAÍ! TOCA O SINAL E ABRE-SE OS
PORTÕES: COMISSÃO DE FRENTE LIBERADA

ATTENTION SAPUCAÍ! THE SIGN TOUCHES AND THE
GATES OPEN: COMMISSION FRONT RELEASED.

Jardel Augusto Dutra da Silva LEMOS¹

¹ Doutorando em Educação - PPGE/UFRJ. Mestre em Educação, Cultura e Comunicação/ UERJ. Especialista em Saberes e Práticas na Educação Básica - Ênfase em Ensino Contemporâneo de Arte - CAP/UFRJ. Bacharel em Dança/UFRJ e Licenciado em Geografia/UERJ. E-mail: jardelaugusto@hotmail.com.





RESUMO

O presente ensaio é uma tentativa de discutir questões sobre os processos criativos e de produção do/no quesito comissão de frente do carnaval do Rio de Janeiro nos últimos 10 anos. Objetiva-se aqui identificar, analisar, descrever, investigar estas fases de pré e produção para a apresentação no maior palco do mundo. Foram adotadas as seguintes estratégias para a geração de dados: levantamento histórico, bibliográfico, videográfico, entrevistas e experiências profissionais. Teóricamente buscou-se apoios em estudos de Deleuze, Guatarri, Miguel Arroyo, Walter Benjamin, Julio Cesar Farias, Isabel Marques, entre outros. A pesquisa, baseada nos dados apresentados mostrou que mesmo sendo complexo e árduo, pesquisar, estudar e produzir comissão de frente requer dos envolvidos muita dedicação e amor não só para criar na prática, mas também, divulgar o conhecimento gerado após as apresentações. Diante do exposto, verificamos que precisa ter mais envolvimento dos pesquisadores, coreógrafos e componentes para debaterem e produzir mais materiais de pesquisa (ensaios textuais e/ou material audiovisual que possibilitam a circulação de novos saberes e conhecimento).

PALAVRAS-CHAVE

Comissão de frente; Produção; Processos de criação; Dança.

ABSTRACT

This essay is an attempt to discuss questions about the creative and production processes of / in the category of Rio de Janeiro's carni-





val front in the last 10 years. The objective here is to identify, analyze, describe, investigate these pre and production phases for the presentation on the largest stage in the world. The following strategies for data generation were adopted: historical, bibliographic, videographic survey, interviews and professional experiences. Theoretically, support was sought in studies by Deleuze, Guatarri, Miguel Arroyo, Walter Benjamin, Julio Cesar Farias, Isabel Marques, among others. The research, based on the data presented, showed that even though it is complex and arduous, re-searching, studying and producing head-on commission requires a lot of dedication and love from those involved not only to create in practice, but also to disseminate the knowledge generated after the presentations. Given the above, we found that there needs to be more involvement of researchers, choreographers and components to debate and produce more research materials (textual essays and / or audiovisual material that allow the circulation of new knowledge and knowledge.

WORDKEYS

Front commission; Production; Creation processes; Dance.

INTRODUÇÃO

*A memória. Um retorno sobre os
mesmos passos, para onde quer que se vá.
Vicente Franz Cecim*

Muitas pessoas me indagam sobre o tempo de produção para uma comissão de frente. Quesito este avaliativo nos desfiles das escolas de





samba e que na maioria das vezes é importante para a competição². As dúvidas são sempre variadas. Mas na maioria das vezes são estas perguntas: *Quando se inicia o projeto? Quando começam os ensaios? Em que mês se dá o início das células coreográficas?* Para o start inicial, nós coreógrafos de uma forma geral, respeitamos sempre o lançamento do enredo e a escolha do samba. É claro que depois que sabemos o enredo muita coisa já começa ser pesquisada, pensada, conversada e delimitada em parceria com o carnavalesco. Que é o responsável artístico e o grande “dono” do desfile.

Já fui intérprete de comissão de frente na “Série A”³ e grupo “Especial”⁴ do Rio de Janeiro. Já julguei o mesmo quesito na cidade de Três Rios⁵, interior do estado do Rio de Janeiro, por quatro anos. Julguei também, todos

² Digo competitivo, já que em carnavais como da cidade de Porto Alegre, a comissão de frente não é julgada. Ou seja, não se tem notas atribuídas. Ela é apenas obrigatória.

³ Gerida pela Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro/LIERJ. Fundada em 15 de julho de 2008, a Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro é a entidade responsável por organizar os desfiles da Série A do Maior Espetáculo da Terra. Com 14 agremiações filiadas, os desfiles da Lierj acontecem na sexta-feira e sábado de Carnaval na Marquês de Sapucaí.

⁴ Gerida pela Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro/LIESA. Fundada em 24 de julho de 1984, a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro foi criada para defender os interesses das Escolas de Samba do Grupo Especial e coleciona uma série de conquistas ao longo de seus 35 anos, tornando-se modelo nacional. É responsável pela organização de toda a infraestrutura do Sambódromo para a realização dos desfiles do Grupo Especial e presta todo o suporte às co-irmãs do Grupo de Acesso Série A e da Associação das Escolas Mirins, que lá se apresentam também.

⁵ O Carnaval de Três Rios é um dos maiores eventos que acontecem na cidade de Três Rios no Rio de Janeiro. Possui uma liga própria que gere a festa das seis principais agremiações. São elas: Bambas do Ritmo, Bom das Bocas, Mocidade Independente de Vila Isabel, Em Cima da Hora, Independente do Triângulo e Sonhos de Mixyricka.





os grupos de carnavais grandes como o da cidade de Vitória⁶, no estado Espírito Santo. E até já julguei carnaval de maquete⁷ por alguns anos. Já fiz parte da equipe e acompanhei processos criativos em comissão de frente em outras manifestações pelo país, como a do Auto do Círio de Nazaré⁸, com a Companhia Moderno de Dança. E hoje me concentro na missão de produzir comissão de frente nos três⁹ grupos do carnaval carioca. Não tem como narrar ou produzir uma apostila com passo a passo. Os processos em cada ano são muito variados. São múltiplos. Recheados de dobras, rugosidades, curvas e pausas. Tudo isso para dizer que os grupos das escolas de samba no Rio de Janeiro são universos diferentes. Cada agremiação é um planeta. Cada carnavalesco um oceano. E se aprende saindo de casa para o mundo. Viajando, mergulhando, tomando “caixotes¹⁰”. Fazendo. Testando. Errando. Vendo. Perguntando. Rindo e Chorando. Lendo justificativas. Como uma

⁶ Na época, gerido pela Liga Espírito-santense de Escolas de Samba/LIESES. fundada em 23 de março de 2001, com o nome de LICES (Liga Capixaba de Escolas de Samba). A partir de 2007 adotou o nome atual. Depois que fui jurado, surgiu a Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo Especial/LIESGE é a entidade que reúne as escolas de samba do grupo especial do carnaval de Vitória. Foi fundada logo após o carnaval de 2015 com o objetivo de administrar os interesses das escolas que estiverem no grupo especial.

⁷ O Carnaval de Maquete é um movimento carnavalesco relativamente recente, que ganhou bastante força e projeção na última década, e vem conquistando novos adeptos a cada ano, por meio da criação de desfiles de escolas de samba criados e realizados especificamente para o ambiente virtual. O desfile de maquete é gerido pela União das Escolas de Samba de Maquete/UESM.

⁸ Em 2019, o Auto do Círio chega à sua marca de 25 espetáculos cortejo em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, prática realizada por vários artistas de Belém/Pará, que se caracteriza como uma das iniciativas extensionistas de maior visibilidade para a Universidade Federal do Pará/UFPA. Articulado ensino, pesquisa e extensão.

⁹ LIESA. LIERJ. E a Liga Independente das Escolas de Samba do Brasil/LIESB. Responsável pela gerência das escolas que desfilam nos grupos B, C, D e de avaliação na Intendente Magalhães/RJ.

¹⁰ Termo utilizados para designar quem ao tomar banho de praia é levado pelas ondas de forma surrupiada.





forma de divulgar o máximo possível de informações sobre o quesito, farei aqui um grande esforço para ativar o máximo possível a minha memória. Um retorno sobre os meus passos. Relembrar estes 14 anos de experiência e trazer com muita alegria e dedicação nutrientes para este ensaio inédito. Contendo informações que poderão contribuir com futuras pesquisas, novos pesquisadores, coreógrafos e componentes do quesito. O que normalmente não se encontra nos poucos materiais disponibilizados e divulgados sobre o quesito comissão de frente. Começarei pelo dia do desfile.

1. O DIA DO DESFILE: O RESULTADO DE UM TRABALHO COLETIVO.

A dança, pode-se dizer, é um fato folclórico completo, pois possui todas as suas principais características. É a manifestação espontânea de uma coletividade, sendo, portanto, coletiva e aceita pela sociedade onde subsiste. (...) As danças folclóricas existem em quase todos os países do mundo. Muitas delas são ligadas a manifestações de culto. Outras evocam fatos épicos, acontecimentos dignos de serem periodicamente rememorados como exemplos de coesão social. Outras servem de atos propiciatórios, ou a tarefas de trabalho coletivo, ensinando a alegria da cooperação. De qualquer maneira, apresentam incomparável valor folclórico, visto que conjugam os mais diversos aspectos da vida cotidiana, associando a música ao gesto, à cor, ao ritmo, ao sentido lúdico e utilitário, à graça dos ademanes e aos atributos da resistência física em manifestações de saúde, alegria e vigor.

Nilza Botelho Megale

No dia oficial do desfile a comissão de frente chega na concentração por volta de meio dia. Existe um cronograma de atividade a ser cumprido. Existem variações. Mas, na maioria das vezes acontece assim: almoço pensando para que eles possam armazenar suas energias e se resguardarem de possíveis infecções. Descanso após a refeição. Dependendo da ordem





do desfile alguns componentes até dormem em seus colchonetes. Existe um tempo para o aquecimento individual. Dinâmicas em grupo para descontrair. Som alto. Danças. Coreografias. Brincadeiras. E até pagamento da ajuda de custo feito pelos assistentes.

Neste momento os apoios e assistentes junto ao coreógrafo já separaram e revisam os figurinos e adereços. Começa o teste de figurino e adereços. Tempo para banho após o ensaio. Início da maquiagem e caracterização. Lanche da tarde. Assistimos os primeiros desfiles. Até que cada um pega sua fantasia/figurino, entramos nas conduções com boas três horas de antecedência. Para quem quiser é oferecido remédio para dor de cabeça. Saltamos próximo a concentração da escola, lado par ou ímpar.

Passamos pelo meio/dentro da concentração. Toda a escola já nos recebe com boas energias. O coração começa a palpitar mais rápido. Nossos olhos brilham vendo os carros e fantasias. Retocamos maquiagem. Bebe-se água e vai ao banheiro. Para quem quiser oferecemos energético. Rezamos de mãos dadas. Tiramos fotos para a imprensa. Damos entrevistas. Alguém da escola nos chamam e é hora de ficarmos atrás da bateria. No lado oposto, vê-se a próxima escola co-irmã. Ouse-se os apitos dos diretores da bateria. Começou a apresentação para o setor um!

Termômetro vai subir. No setor um, ingressos destinados gratuitamente para as escolas, que distribuem de forma variada. A arquibancada bate palma, grita e pula. O diretor começa a me puxar e pedir que eu avance com a comissão. Mesmo sem som oficial, já que a bateria ainda está no “esquenta¹¹” e se deslocando para o recuo. Posiciono a comissão em frente

¹¹ Termo utilizado para afinação dos instrumentos e chegada da bateria no recuo.





a escada amarela. Escada que fica bem no meio do setor e serve como ponto de referência para a localização espacial. Dou o sinal liberando a apresentação. Ali apresentamos coreograficamente exatamente o que vai para toda a avenida. Nossa equipe começa a cantar. Mais palmas, gritos e pulos de alegria. Tudo testado. Agradeço o setor um. Termômetro aquecido. Posiciono a comissão de frente na linha de início e espero a voz marcante da Sapucaí do Vanderlei Borges, anunciando a liberação para o desfile. Entonação, energia, intensidade de voz que só ele tem. E que de forma alusiva vem representada no título desta produção textual. Após a sua fala, abre-se o portão e o início para o início do show. Comissão de frente liberada!

2. PENSAR, PRODUZIR E DANÇAR COMISSÃO DE FRENTE NO CARNAVAL CARIOCA: UM GRANDE RIZOMA COREOGRÁFICO.

*Não acredito naqueles que dizem 'faça isso';
acredito naqueles que dizem 'faça comigo'.
Deleuze*

Assim como outras linguagens artísticas, a dança integra um conjunto de heranças culturais de um povo, tribo ou comunidade. Dançar constitui vetores muito poderosos não só de identidade social, hierárquica, econômico, sexual, étnica, cultural, físico e econômico, mas também, de formas possíveis de ver e estar no mundo. Com isso, falar do quesito comissão de frente no carnaval faz-se quase que obrigatoriamente abordar via dança todos estes diferentes aspectos.

Marques nos apresenta “A dança como linguagem artística é passível de leitura, e também, uma das formas possíveis de ler o mundo. A dança como linguagem artística faz-se caminho para compreender, sentir, interpretar,





elaborar – portanto para ler – o mundo” (MARQUES, 2010, p.32). Interpretando as palavras da autora para o quesito comissão de frente, nada mais é do que ver o corpo do seu componente no meio da avenida sendo invadido pela dança cênica e proporcionando possibilidades múltiplas de leitura para o mundo e possibilidades infinitas que o componente tem de poder ler o mundo. Ler samba, o enredo, ler o encontro de culturas. A força da resistência de um povo e uma comunidade.

Ao falar de comissão de frente, destaca-se também múltiplos elementos como: história, transformações, funções, número de coreografias, formação dos coreógrafos, componentes do quesito, audição, figurino, maquiagem, adereços/elementos cênicos, tripé, efeitos especiais, andamento do samba, tempo na avenida e tempo de apresentação ao jurado, regulamento específico, justificativas dos jurados, relação com o enredo, função do diretor de harmonia, apoios de comissão de frente, ensaios (gerais, quadra, barracão, avenida e rua), processos de criação, teatralização, movimentação espacial e desenhos, sinopse para o jurado, pré-produção, produção e pós-produção, ética profissional. Ufa!

Explicar com riqueza e fundamento estes detalhes no quesito comissão de frente é sim um trabalho árduo e complexo, o qual envolve uma fatia da dança e suas vertentes culturais. Quase que um rizoma onde um fio puxa ao outro. Aqui é importante ressaltar a partir das interpretações o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari. Os fios nunca têm ordem de início e fim. Ele puxa o outro. Faz parte do outro. É puxado. E que interfere sua potencialidade, e também a potência do outro. Assim como também transita com a sua potência individual em diferentes espaços. Souza exemplifica:





As linhas dentro de um rizoma são elementos, que comportam em seu devir o rompimento da dicotomia uno/múltiplo, as linhas de um rizoma são uma multiplicidade, pois que cada individualidade carrega em si a heterogeneidade. Cada indivíduo e cada objeto estão repletos de potencialidades, que só se realizarão de acordo com os encontros com outros objetos exteriores, promovendo saltos, rupturas e conexão com outros devires, com outras linhas, produzindo os agenciamentos. (SOUZA, 2012, p.245).

Percebo a potência deste conceito para com o quesito comissão de frente, na medida que ele apresenta e valoriza a potência de um componente, mas ao mesmo tempo diz que este componente não é “nada” sem o outro. Ele não acontece sozinho. Talvez junto com mestre sala e porta bandeira, os únicos quesitos onde este tipo de agenciamento aparece vorazmente. Onde o esforço individual ganha força com o esforço do outro e transforma o espaço em um conjunto de energias. Para o autor “Todo agenciamento existe dentro de uma Territorialidade, plano de imanência do agenciamento; cada agenciamento provoca um esforço territorializante, cria um mapa que representará o agenciamento, as suas múltiplas conexões. (SOUZA, 2012, p.246).

Indivíduos ou grupos somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.76).





Um grande rizoma coreográfico. Pensar, produzir e dançar comissão de frente no carnaval carioca é se colocar ao acontecimento. É estar disponível no caminho. Um rizoma não tem origem nem término. Se encontra sempre disponível no meio, entre as existências, inter-ser, intermezzo. Fazer comissão de frente nesta perspectiva é assumir a posição no breve espetáculo entre dois atos de um drama. Entre o público e o jurado. Entre a música e a dança. Entre maquiagem e figurino. Entre real e imaginário. Entre o início e o fim. Entre adereço e tripé. Entre diversão e julgamento. Entre a potência de si e a potência do outro. Entre o esforço coletivo e o individual. É ser um pequeno trecho que integra as partes principais de uma composição. O desfile.

É verdadeiramente um tema muito amplo, já que pode ser abordado não somente filosoficamente, poeticamente, dramaturgicamente, epistemologicamente, etnograficamente. Também pela força cultural, que abrange inclusive seus contornos regionais, quanto à gênese do quesito, suas mudanças históricas, os processos criativos diversos e a produção da obra em diferentes grupos. Afinal, não podemos esquecer que mesmo dentro do carnaval carioca, é desproporcional produzir uma comissão de frente no grupo especial do Rio de Janeiro em relação aos outros grupos.

O grupo especial tem mais verbas, apoios, patrocínios, venda de ingressos e cds, público, camarotes, equipes e estruturas maiores, divulgação na tv, visibilidade em relação aos outros grupos de acesso¹² (A, B, C, D e E). Que na maioria das vezes dividem ou não possuem nem barracão para produzir o seu desfile. É tudo feito dividido em vários pontos pela cidade. Não quero desconsiderar aqui o trabalho dos outros grupos, não se trata

¹² Grupos com seus respectivos regulamentos. Regulamentos que podem ser encontrados dos sites das entidades.





de comparar competências, o objetivo é chamar atenção para os desvios e diferenças existentes entre os grupos.

3. DIFICULDADES ENCONTRADAS NO CAMINHAR: DESVIOS DE UM QUESITO.

O que tem me marcado muito neste processo é, desde quando a gente iniciou, lá em outubro, é... os ensaios propriamente dito assim, de cara foi o crescimento das pessoas. Como cada um viveu o trabalho de forma tão plural e ao mesmo tempo de forma tão coletiva. Então eu fico muito feliz de perceber o crescimento de cada um, de pessoas que eu já trabalho a muito tempo e pessoas que eu estou conhecendo agora. E perceber como este crescimento e esta evolução das pessoas aconteceu durante o trabalho. E de como o processo criativo contribui para o crescimento pessoal e artístico de cada um. Eu fico muito feliz e estou muito feliz hoje de estar participando desta equipe. Estar somando a esta equipe que viveu este processo de forma tão intensa e verdadeira.

Vitória Jovem Xtravaganza

Muitos alunos, amigos, jornalistas, interessados no assunto me questionam também as dificuldades encontradas na elaboração de um projeto de comissão de frente. Os principais obstáculos se constituem em momentos diferentes das fases de criação da comissão de frente, e também, vão se modificando durante a nossa carreira. Percebo que o que era difícil par no início, hoje já não é mais. E outras questões que nem imaginavam, hoje tiram meu sono. Atualmente três me intrigam e chamam atenção.

A primeira é aprender a lidar em pouco tempo, dentro de um processo efêmero, com a diversidade de identidades e de formação dos profissionais envolvidos. No tocante às relações que precisam ser estabelecidas nesta ordem com: gestores, carnavalesco, assistentes, profissionais que produzem o tripé e/ou





adereços, figurinistas, maquiadores e principalmente os componentes. Um espaço de negociação constante e que todo ano precisamos recomeçar do zero. Excluindo qualquer possibilidade de exclusão evitando perdas ao máximo. Trago a metáfora de um jogo de futebol e todas os acordos necessários dentro da equipe para o jogo acontecer e serem campeões. Uma das maiores problemáticas de todo o ano.

Do ponto de vista epistemológico, Arroyo (1996) afirma que é necessário compreendermos: “[...] a complexa diversidade de identidades, [...] demarcada não apenas por relações de perda, de exclusão, de preconceito e discriminação, mas demarcada por processos ricos de afirmação de identidades, valores, vivências, culturas [...]” (ARROYO, 1996, p. 7). Logo nosso espaço na maioria das vezes possibilita este lugar não apenas do conhecimento de si e dos artistas, mas, como também o lugar da afirmação. E este lugar de afirmação tão importante em uma sociedade que só quer apagar e diminuir os povos e as culturas menores.

A segunda está ligada diretamente a primeira. Só que internamente ao quesito comissão de frente. Se trata a ação de individuar cada componente. Ou seja, é perceber e fazer ressaltar o que distingue um indivíduo de outro dentro do processo. E fazer com que cada subjetividade não suma e não se apague no meio de todo o processo de criação. E dentro deste processo de criação proporcionar um ambiente de formação que vai para além do efêmero. Que fica marcado na vida. Isso só é possível pelo fato de ver todo o processo de forma diversificada, rica, plural e rizomática. Entender que cada corpo tem seu contexto histórico, econômico, social e cultural. Cada corpo tem seus silêncios e barulhos. E trazer tudo isso para a cena.

Os processos de subjetivação e identificação a que podemos ter acesso por meio da arte e da exploração das artes do corpo como a dança, nos permitem observar como esse processo se dá de maneira rica e diversificada. Os silêncios do corpo que dança, permitem





outras argumentações discursivas, outros modos de fazer-dizer o gênero. (SILVA, Genildo, 2019, p. 2376)

Por isso, eu e minha equipe de assistentes nos últimos anos formados pela assistente burocrática Ana Paula Siqueira, que tem funções administrativas e a assistente artística Vitória Jovem Xtravaganza, que meu auxilia na construção coreográfica, pensamos o processo repleto de laboratórios, oficinas, ensaios com figurinos (Figura 01), ensaios na cidade do samba (Figura 02), ensaios na avenida (Figura 03), encontros com convidados, que proporcionam a toda equipe momentos marcantes de conhecimento interno (Figura 04). Proporcionando momentos descontraídos de adaptações, familiarização e conhecimento interno. Não somente de forma pessoal, mas também com o trabalho e a unificação da técnica a ser utilizada como caminho para aquele trabalho.

Figura 01: Ensaio de figurino da Comissão de Frente da GRES. Acadêmicos do Sossego 2020 no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro.



Fonte das imagens: Arquivo do pesquisador.

Autores: Ana Paula Siqueira e Jardel Augusto Dutra da Silva Lemos.





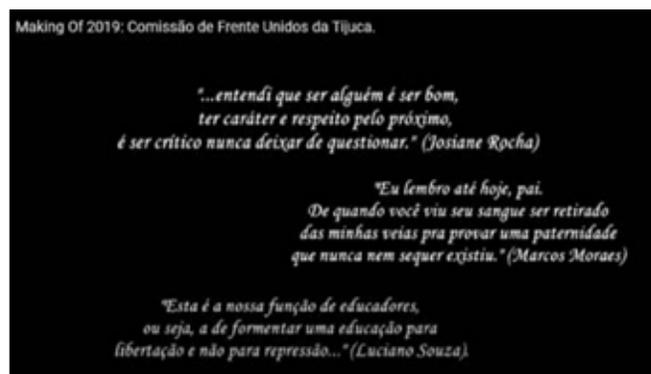
Figuras 02 e 03:

Ensaaios Comissão de Frente da GRES. Unidos da Tijuca 2020.



Fonte das imagens: Arquivo do pesquisador.
Autores: Ana Paula Siqueira e Jardel Augusto Dutra da Silva Lemos.

Figura 04: *Making of* 2019: Comissão de Frente GRES. Unidos da Tijuca. Frases de componentes resultantes dos laboratórios, oficinas e encontros com convidados.



Fonte das imagens: Canal do *Youtube* do coreógrafo e pesquisador.

Estes momentos nos proporcionam enquanto pessoas e artistas a falar, ser escutados e escutar o outro. No mundo corrido que vivemos, onde não temos tempo para valorizar as relações, buscamos criar um ambiente de aconchego artístico. Neste caminhar trago algumas falas





dos componentes: “A que eu gostei mais foi a da carta. Eu pude conhecer as pessoas um pouco mais. Já conhecia um pouco, mas não a fundo. (SANTANA, 2019). Outros componentes afirmam:

O que mais me marcou foi a dinâmica do olhar. A gente tinha que estar olhando e encarando as pessoas. Eu sou uma pessoa muito tímida, então eu me senti um pouco incomodado em relação a isso. Mas o legal é que realmente é como se você se busca algo dentro desta pessoa. E como se você enxergasse esta pessoa. Entendeu? Dá uma série de sensações que você não sabe explicar. Eu acho que isso é super importante. Até para o trabalho né? (SOUZA, 2019)

Mas esse da carta em si, que eu vi o que cada um colocou o que gostaria de falar, eu acho que gostaria de falar muito para o mundo e não falou e não falava. Seja por falta de coragem, seja por falta de oportunidade. E eu vi que a gente deu essa oportunidade que eles precisavam. Que foi aonde se despiu né? Que eles gostariam de falar e não podia. E dali em diante eu acho que foi uma renovação tão grande. Sabe? Que eu falei, nossa! Como... embora tivesse sido no iníciozinho, como eu vi um crescimento ali neles. (SIQUEIRA, 2019)

A terceira inquietude atual enquanto pesquisador do quesito comissão de frente, é a preocupação na difusão e divulgação do que é feito internamente nos processos de criação. Não somente o segredo, mas toda a fundamentação, desenhos, processos, descobertas, erros, ficam guardados em uma “caixinha do esquecimento” os processos criativos e de composição para os espetáculos apresentados em comissão são múltiplos. Com vários formatos e bem fartos. Cada coreógrafo tem o seu. Em cada ano, com a troca das equipes e ou da agremiação, sua identidade de mantém, mas ele e sua equipe precisam se entender neste novo tempo e espaço. A divulgação destas novas descobertas não são uma preocupação para os artistas. Ninguém gosta de disseminar o resultado de seus processos de construção em partes e nem muito mesmo na íntegra.





Podemos dizer com isso que existe uma cultura de que artista não é pesquisador e que pesquisador não pode ser artista? Ou pelo fato dos próprios artistas não se perceberem e se reconhecerem enquanto produção de conhecimento? Historicamente temos observado isso também em outras áreas. O professor de artes muitas das vezes se coloca no lugar do licenciado e esquece que ele pode ser também um artista docente e ou um docente artista. Os profissionais só podem ser uma coisa ou outra? E não as duas coisas?

Com isso eu e minha equipe estamos buscando registrar e divulgar em vídeo, *making off* e ou documentário, desde 2013 (Figura 05) nossas produções na minha rede do canal *Youtube*. Todas as produções podem ser encontradas no meu canal. Desta forma eternizo o trabalho, os sentimentos e sensações geradas. Proporciono visibilidade aos meus componentes, produzo um acervo para a memória do quesito e material para futuras pesquisas.

Figura 05: *Making of* 2013: Comissão de Frente GRES. Cubango.



Fonte das imagens: Canal do *Youtube* do coreógrafo e pesquisador.





Sabemos que são poucos os materiais encontrados sobre o quesito comissão de frente e até outros quesitos como casal de mestre sala e porta bandeira e até bateria. Os coreógrafos não gostam e não divulgam seus processos de criação e produção em comissão de frente. Poucos pesquisadores direcionam seu olhar e se debruçam na produção de artigos, mapeamentos, ensaios, publicações, trabalhos de conclusões de curso e pesquisas acadêmicas como dissertações e teses. Ainda hoje, se pesquisa pouco academicamente o carnaval. Grupos de pesquisas que direcionam o olhar para o quesito comissão de frente conheço três. São eles nas universidades UFRJ, UFPel e UFPA. Não possuímos variedades de pesquisas na área.

Quando por exemplo pesquisamos no Catálogo de Teses e Dissertações Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), nos campos de buscas avançadas aparecem até 05 (cinco) resultados. Envolvendo processos de criação em comissão de frente em outras manifestações populares como o Auto do Círio, na região norte do país, estado do Pará. Isso para uma área de saber é uma lástima.

É neste contexto que criamos em parceria com o Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro¹³, no ano de 2018, o *Encontro Nacional de Pesquisadores, Coreógrafos e Bailarinos de comissão de frente*. O encontro surge para amenizar tais inquietações, gerar conhecimentos

¹³ O Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro foi inaugurado em 2004, sendo o primeiro da América Latina. O Centro foi projetado para criação, produção, desenvolvimento, intercâmbio, estudo, apresentação, documentação, memória e difusão da dança. Localizado no bairro da Tijuca.





com outros artistas como carnavalescos, figurinistas, maquiadores, aderecistas, proporcionar intercâmbios, conhecer, reconhecer, debater e divulgar os processos criativos, gerar memória, criar documentos e difundir o quesito de comissão de frente.

Em 2018 (Figura 06) tivemos o primeiro encontro com participação na programação de 07 coreógrafos e pesquisadores de três estados do país (Pará, Rio de Janeiro e Santa Catarina), consequentemente três regiões diferentes do Brasil (Norte, Sudeste e Sul). Já em 2019 (Figura 07), o segundo encontro, contou com a presença na programação de 26 profissionais dos estados do Pará, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Santa Catarina. Tivemos mais de 100 inscritos como ouvintes. E recebemos personalidades do carnaval em nosso evento como o síndico da Marques de Sapucaí Machine, alguns jurados do quesito, entre outros.

Em 2019, também no segundo encontro, tivemos dois momentos muito especiais. O primeiro é que foi apresentado pela minha equipe, Ana Paula Siqueira, Victor Oliveira e Douglas Lopes parte da nossa pesquisa atual e inédita sobre as justificativas dos jurados denominada “Cartografia das justificativas dos jurados de comissão de frente do grupo especial do Rio de Janeiro dos últimos 05 anos”. O segundo passo importante foi a criação da comissão artística do encontro composta de quatro coreógrafos. Dois do Rio de Janeiro, são eles: Ariadne Lax e Jardel Augusto Dutra da Silva Lemos. E dois de São Paulo, são eles: Edgar Júnior e André Almeida.





Figura 06:
Divulgação do I Encontro de Coreógrafos de
Comissão de frente/2018.



Fonte da imagem: Arquivo do pesquisador.

Figura 07:
Divulgação do II Encontro de Pesquisadores e Coreógrafos de
Comissão de frente/2019.



Fonte da imagem: Arquivo do pesquisador.





Em 2020¹⁴ aconteceu a terceira edição em 12 de setembro. Em 2020 o encontro aconteceu no primeiro semestre, no formato de *lives* homenagens com os coreógrafos que marcaram a história do carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo nos últimos 40 anos. Foram eles: Ale Arja, Renato Vieira, Regina Sauer, Ghislaine Cavalcanti, Fábio de Mello e Yaskara Manzini. Acontecerá no segundo semestre de 2020 a segunda fase do evento com artistas de todas as regiões do Brasil. A programação já está sendo fechada.

Figura 08: Divulgação do III Encontro Nacional de Pesquisadores, Coreógrafos e Bailarinos de Comissão de frente/2020 – 1ª fase.



Fonte da imagem: Arquivo do pesquisador.

Essa proposta de debater ao máximo o quesito comissão de frente dentro de um evento nacional acadêmico e artístico está em diálogo com os pensamentos de Lody e Sabino (2011, p. 16) ao afirmarem que “é importante despertar um olhar presencial que una a dança à cultura e à educação

¹⁴ Nos três anos o evento foi mudando de nome até chegar no nome atual.





interdisciplinar; um olhar que veja a dança como uma realização que remete imediatamente às memórias, às etnias, às civilizações, aos povos e aos indivíduos”. Benjamin (1994a, 1994b, 2002) propõe o repensar crítico de valores ideológicos de forma a revisitar nossas memórias e resgatar do esquecimento os valores que podem fazer de nossa história outra história capaz de nos levar ao encontro com nossas verdades. E isso só é possível quando estamos mergulhados em nossa cultura e universo. Ao lado dos nossos pares.

CONCLUSÃO

Nada jamais continua, tudo vai recomeçar!
Mario Quintana

Como dito, o tema é muito vasto e, por se tratar de um emaranhado de fios de conceitos “rizomáticos” começo a concluir este ensaio com mais perguntas a serem respondidas do que conclusões de pensamentos. O tema é complexo e precisa muito ser invadido cada vez mais. Nem chegamos a debater aqui um dos pontos importantes que é a forma com que o quesito vem sendo julgado e avaliado. Que de certa forma molda a forma de se pensar e produzir comissão de frente. Como os jurados têm olhado, avaliado e justificado suas retiradas de pontuações nas apresentações das comissões de frente? Nota-se que, a cada ano, alguns jurados reinventam seu modo de julgar. Isso é bom ou ruim?

Penetra também, neste campo de interesse, assuntos recentes como, tendências anuais das comissões de frente. Isto é, como o quesito vem se moldando ano após ano. Como a escola que ganha, ou a comissão com nota máxima dita tendências para novas produções no carnaval seguinte. Como





um grande mundo na moda na avenida. Proporcionando a perda da liberdade e identidade por ficar preso nas condições das tendências. Identificamos este fenômeno, por exemplo, na reprodução de figurinos de um processo ancestral feitos por renomados costureiros.

Se entendermos o quesito a partir deste sentido amplo, na perspectiva de atender interesses da cultura popular, produção do espetáculo, inter-relações, econômicos e avaliativos, surgem um turbilhão de dúvidas, dificuldades, campos de tensão e possibilidades de pesquisa, debate, conversas e diálogos. Dessa forma, certifica-se que o ambiente é fértil e vem suplicando atenção, holofotes nos tempos atuais. Principalmente no que tange a políticas trabalhistas para os profissionais que trabalham no quesito. Outro ponto importante para um próximo ensaio.

O que venho refletindo constantemente é a necessidade de mais pesquisadores artistas, mais artistas pesquisadores, ou que estes pesquisadores possam se aproximar cada vez mais de nós artistas que produzimos comissão de frente. Assim, poderíamos tornar público e fazer serem conhecido todos os processos que envolvem este quesito dentro do desfile de uma escola de samba.

Vivemos um momento de propagação de informações. É obsoleto nos tempos de hoje se guardar conhecimento. Ainda mais quando se trata de pesquisas acadêmicas. Ressalta-se aqui a importante relevância dos atuais grupos de pesquisas que se debruçam em pesquisar, fundamentar, incentivar, divulgar pesquisas, pensamentos e posicionamentos diversos.

Muito antes, mas intensamente desde 2007, ao ingressar como aluno do curso de Bacharel em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, direciono meu olhar para o quesito, o que me projetou hoje estar





em cena também como pesquisador¹⁵, julgador, coreógrafo e produtor de comissão de frente. Mas sinto e percebo que pouco sei. Todo ano descubro coisas novas nos barracões, ensaiando, e, principalmente nas avenidas. Cada agremiação me ensina mais. Os encontros me fortalecem. Os desencontros me direcionam para novas possibilidades.

Sigo indagando, pesquisando, investigando, perguntando, interrogando, examinando, divulgando, postando, fazendo, dançando, produzindo, procurando brechas, e é claro proporcionando aberturas e novos ciclos. Paraphraseando Mario Quintana, sigo atestando que as fatalidades e fiascos são a oportunidade para recomeçar com mais sabedoria. E que venham novas sementes, dúvidas, certezas, agremiações, novos sambas, assistentes, componentes, profissionais e novas publicações.

Este ensaio é dedicado a memória da amiga, professora, intérprete e coreógrafa Fernanda Melo. Ela cursou a faculdade de dança comigo e esteve ao meu lado como minha componente e depois como assistente coreográfica nos meus primeiros anos como coreógrafo de comissão de frente do carnaval do Rio de Janeiro. A amiga faleceu em 18 de setembro de 2020. Este ensaio foi escrito com nossas memórias e em meio ao meu luto.

¹⁵ Como artigos divulgados em eventos internacionais como o publicado no Festival de dança de Joinville em 2015, “Dois caminhos de uma mesma rua: Auto do Círio (Pa) e carnaval (RJ) – Este Palco é nosso”, com o professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB e pesquisador Ms.Luiz Thomaz Sarmento e disponível em: <http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2015/07/VIII-Seminarios-de-Danca-Deixa-a-rua-me-levar.pdf>. Acesso em setembro de 2020.





REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Prefácio. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____ **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.

_____. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade**. In: _____. **Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994b.

_____. Experiência In: _____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol. 3, Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FARIAS, Julio Cesar, 1996. **Comissão de Frente: alegria e beleza pedem passagem**. Rio de Janeiro. Litterias. Ed. 2009, 208p.

LEMOS, Jardel Augusto Dutra da Silva. SARMENTO, Luiz Thomaz. **Dois caminhos de uma mesma rua: Auto do Círio (Pa) e carnaval (RJ) – Este Palco é nosso**. In; Deixa a rua me levar/Organização: Instituto Festival de dança de Joinville e Thereza Rocha. Joinville: Nova Letra, 2015. 237p.

Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro/LIERJ. <<http://lierj.com.br/>> . Acesso em 24 de setembro de 2020.

Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro/LIESA. <<http://liesa.globo.com/>> . Acesso em 24 de setembro de 2020.





MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.

MEGALE, Nilza Botelho. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SABINO, Jorge; LODY, Raul. **Danças de matriz africana: antropologia do movimento**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTANA, Jucelino. **Comissão de Frente Gres Unidos da Tijuca**. Rio de Janeiro: entrevista cedida em fevereiro de 2019.

SILVA, Genildo Gonçalves da. **A robotização de corpos: reflexões de estereótipos de gênero e movimento na dança**. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019. p. 2373- 2378.

SIQUEIRA, Ana Paula. **Comissão de Frente Gres Unidos da Tijuca**. Rio de Janeiro: entrevista cedida em fevereiro de 2019.

SOUZA, Luciano. **Comissão de Frente Gres Unidos da Tijuca**. Rio de Janeiro: entrevista cedida em fevereiro de 2019.

SOUZA, Rodrigo Matos. **Rizoma deleuze-Guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Número 18: maio-out/2012, p. 234-259.

STRAVAGANZA, Vitória Jovem. **Comissão de Frente Gres Unidos da Tijuca**. Rio de Janeiro: entrevista cedida em fevereiro de 2019.

